

A “BAILARINA” DE 1918 E A “GRIPEZINHA”...

THE 1918’S BALLERINA AND THE “LITTLE FLU” ...

Nedy Bianca Medeiros de Albuquerque¹

SCHWARCZ, Lilia Moritz; STARLING, Heloisa Murgel. **A bailarina da morte: A gripe espanhola no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020. 368 p.

Em 26 de fevereiro de 2020 se noticiou no Brasil o primeiro caso de Covid-19. Mais de um ano depois, no dia 13 de abril de 2021, cumprindo decisão exarada do Supremo Tribunal Federal ante o requerimento de senadores foi instaurada a Comissão Parlamentar de Inquérito com fito de investigar a condução do governo no (des)combate a pandemia de coronavírus (SARS-CoV-2),² denominada de “CPI do genocídio e impeachment”.³ Concomitantemente, os noticiários afirmavam ter sido transposta a desesperadora marca de trezentos e sessenta mil falecimentos, superado o alarmante volume de treze milhões de enfermos, além de suplantadas várias vezes seguidas os recordes na média móvel de morte por Covid-19. Então, notava-se que a propositura de investigação pelo Senado partiu dos aterradores números, compostos não apenas pelos óbitos e infectados, mas, igualmente de desempregados, desalentados e dos impactos socioeconômicos.

¹ Possui graduação em História pela Universidade Federal do Acre (1999), mestrado em História pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2002), bacharelado em Direito pela UNINORTE (2009), doutorado em História Social pela USP (2015). É professora associada nível 1, lotada no CFCH da Universidade Federal do Acre, exercendo atualmente a função de sub-coordenadora do curso de licenciatura em História da UFAC.

² Em 14 de abr. a média móvel de mortes pelo quinto dia seguido ultrapassava 3 mil. Disponível em: <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2021/04/14/brasil-tem-mais-de-362-mil-mortos-por-covid-media-movel-de-obitos-fica-acima-de-3-mil-pelo-5o-dia.ghtml>. Acesso em: 15 abr. 2021.

³ O agravamento do número de mortos, os problemas de má distribuição e falta de oxigênio na rede pública hospitalar pelo Ministério da Saúde demarcando a exaustão do sistema motivaram as coletas de assinaturas no Congresso para abertura de CPI. Contudo, apesar do cumprimento de todos os requisitos legais ao procedimento, somente ocorreu a instauração após a ordem do STF. Durante o polêmico período de transcurso, nas mídias avolumaram-se os clamores por “impeachment” devido ao “genocídio” da população brasileira. Essa designação passou a ser empregada para alcunhar a CPI como relata Guilherme Boulos em artigo de opinião publicado no jornal Folha de São Paulo, no dia 12 de abr. de 2021. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/guilhermeboulos/2021/04/cpi-do-genocidio-e-impeachment.shtml>. Acesso em: 15 abr. 2021.

Logo, observa-se que a época em curso caracteriza-se por dificuldade de entendimento dos aspectos da doença, da ausência de campanhas educativas quanto às potenciais medidas preventivas (como uso de máscaras, álcool em gel, isolamento, lockdown), despreparo governativo na gestão de recursos de materiais para atendimento das vítimas (perpassando da compra de vacinas a “kits de intubação”,⁴ atingindo a precariedade de assistência social e econômica), lentidão na exequibilidade do plano nacional de vacinação, crise política, esgotamento da rede de saúde pública e privada em diferentes regiões do país.

E no intuito de encontrarmos esteio a compreensão do tempo pandêmico, nos deparamos com a obra “A bailarina da morte: a gripe espanhola no Brasil”⁵ lançada em outubro de 2020 pela editora Companhia das Letras, disponível nos formatos físico e digital. Motivados pela publicação desta, sem a pretensão de esgotar toda a análise do livro e compreendo a limitação de densidade de nossa resenha (posto a necessidade de atendermos o breve fôlego das páginas estipuladas pelos padrões de uma resenha na revista Tropos) optamos por “sopros de diálogos” com as pandemias. Estratégia feita em observância também a Nota Técnica nº 1.556/2020, da Controladoria-Geral da União (CGU) enquanto normativa limitante das manifestações críticas dos servidores públicos ao governo federal desde agosto de 2020, daí elegermos o livro como subterfúgio comparativo das pestes de ontem e hoje.

No texto Lilia Moritz Schwarcz e Heloísa Murgel Starling indagaram ao passado enquanto “historiadoras e cientistas sociais”, a fim de compreender o tempo presente. O escrito é fruto de parceria profícua, demonstrada desde 2015 com “Brasil: uma biografia”⁶, repetida ainda na organização do “Dicionário da República: 51 textos críticos”⁷ de 2019. Donas de consolidadas e respeitadas formações acadêmicas, igualmente de longa trajetória profissional nas ciências humanas e sociais, as autoras

⁴ Entre março e abril de 2021 foram frequentes as notícias alertando para a escassez dos chamados “kits de intubação” em diferentes cidades da federação brasileira. O conjunto era composto por medicações essenciais à realização da intubação orotraqueal. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/saude/noticia/2021-04/Covid-19-1141-municipios-relatam-risco-de-ficar-sem-kit-intubacao>. Acesso em: 15 de abr. de 2021.

⁵ SCHWARCZ, Lilia Moritz; STARLING, Heloisa Murgel. A bailarina da morte: A gripe espanhola no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2020. 368 p.

⁶ SCHWARCZ, Lilia Moritz; STARLING, Heloisa Murgel. Brasil: uma biografia. São Paulo: Companhia das Letras, 2015. 792 p. O livro teve um acréscimo de páginas em janeiro de 2018 com um pós-escrito.

⁷ SCHWARCZ, Lilia Moritz; STARLING, Heloisa Murgel (Org.). Dicionário da República: 51 textos críticos. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. 504 p.

optaram por um diálogo científico a respeito da pandemia da gripe espanhola, traçando analogia com a atualidade do Covid-19.

Dessa forma, o estudo se sustenta em acervo documental reunido e analisado durante a quarentena, composto por dissertações, teses e sobretudo periódicos como as revistas *Careta* e *Fon-fon* (publicadas na capital da república), diversos jornais (fluminenses, pernambucanos, baianos, paraenses, amazonenses, mineiros, gaúchos e paulistas) que abordaram a enfermidade e foram publicados entre 1918 a 1919, acrescidos das atas de entidades (a exemplo da Congregação da Faculdade de Medicina de Belo Horizonte), relatórios dos diretores de higiene e saúde de diversos estados, entre outros materiais. Considerando sua temática tão pertinente a nossa conjuntura, contemplando o trabalho de extensa envergadura com fontes hemerográficas, concatenando história e comunicação, entendemos a relevância de composição da presente resenha.

Em caráter descritivo de sua estrutura, verificamos que o livro se organiza em 10 capítulos e 368 laudas. No introito há a narrativa do trajeto percorrido pela doença até chegar à jovem república brasileira. Para tanto as pesquisadoras se reportam aos relatos feitos em junho de 1918, publicados na imprensa anarquista paulistana por *O Combate* no qual inicialmente se desacreditava “uma velha e inofensiva gripe” obstando as ações do exército alemão. Daí então, Schwarcz e Starling expuseram um breve painel da Primeira Guerra Mundial e seus beligerantes, os caracteres da chamada “guerra moderna”, a inserção de novas tecnologias ao conflito. Fazendo isso com a pontuação de censura à imprensa pelos países envolvidos, que nos remetem a refletir à objurgação explícita e aos artifícios do “cancelamento” dos atuais veículos de comunicação reunidos em um consórcio noticioso dos dados da Covid-19. Sem se furtarem ao comparativo numérico de mortos nos quatro anos de conflito com os meses da “gripe espanhola”, demonstrando como rapidamente a peleja foi superada pela doença, gerando a desconstrução do discurso de enfermidade banal.

Segundo elas o cerceamento de informações justificou a nomenclatura pátria atribuída a moléstia, cuja divulgação prévia na imprensa aconteceu a partir da Espanha, posto a restrição de notícias nos países europeus envolvidos na Primeira Guerra Mundial. Entretanto, elas nos alertam não existir certeza geográfica sobre origem, mas

fazem menção a suposta originalidade atribuída aos Estados Unidos e seus soldados enquanto difusores da patologia. De idêntico modo que não haviam limites espaciais de atuação da peste porquanto atingisse diversos pontos do globo terrestre, nos revelam permuta de identificações no tabuleiro geopolítico da guerra, indo da “febre de Flandres” pelos alemães, a “gripe bolchevique” por poloneses, “inglesa” para persas, chegando a ser designada de “francesa” em solo espanhol, noutras partes do mundo de “Influenza espanhola”, “gripe bailarina” ou apenas “espanhola” (SCHWARCZ & STARLING, 2020). Entretanto, se a designação era variável, sua propagação sempre seguia o padrão de contágio do litoral ao interior e por aqui desembarcou do Demerara alcunhado de “o navio da morte” no porto do Recife para se alastrar pelo país, o mesmo ancoradouro que foi palco de preocupações e quarentenas de embarcações em março de 2020 graças ao Covid-19.⁸

As historiadoras recordam que nos tempos iniciais da república brasileira eram precárias as condições de atendimentos das demandas dos cidadãos e atestam os rápidos desencantos dos brasileiros com a forma de governo (ideia recorrente para ambas em “Brasil: uma biografia” e “Lima Barreto: triste visionário”, projeto individual de Schwarcz). A jovem república, presidencialista e federativa não era um projeto inclusivo a julgar pelas incompletudes e vicissitudes de representação política em uma nação cujos “equipamentos urbanos” eram “deficientes e que mostravam total falta de estrutura sanitária”. País marcado na *Belle Époque* por mazelas “de dentro” tais quais a febre amarela, varíola e peste bubônica (levando à criação) em coexistência com “epidemias de fora” a exemplo de cólera e tracoma.

Recapitulam face a esse contexto, ter ocorrido na virada do XIX para o XX a criação dos institutos de saúde Butantan e Oswaldo Cruz, realizadas as expedições científicas lideradas pelos cientistas de Manguinhos sob a perspectiva higienista, afora as reformas urbanas. Contudo, as autoras buscam enfatizar a instituição da organização e capilaridade tanto do Sistema Único de Saúde, criado com a Constituição de 1988,

⁸ Em 14 de março de 2020 o portal de notícias G1 divulgava que um passageiro de navio de cruzeiro havia tido resultado positivo para Covid-19, levando 600 passageiros a ficarem quarentemados na embarcação. Disponível em: <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2020/03/14/passageiro-de-navio-de-cruzeiro-retido-no-recife-tem-o-novo-coronavirus.ghtml>. Acesso em 04 fev. 2021.

como herdeiro desse controle vacinal brasileiro, existente desde os princípios do período republicano.

Assim, quando a Influenza aportou em 1918 no litoral brasileiro, num primeiro momento o desconhecimento de sua virulência, sintomas e cuidados levaram ao desprezo de sua existência, a perda de tempo para adoção de quarentena aos desembarcados, isolamento dos doentes, uso de máscaras e recrudescimento nos hábitos de higiene. À vista disso, nos capítulos de desenvolvimento do livro ficam latentes as aproximações entre a Influenza e o Covid-19, embora separadas por pouco mais de cento e dois anos, pois nos relatam as autoras que conforme os casos se alastravam no país, em lugar de uma ação coordenada pela União, se verificam atuações individualizadas dos estados e municípios, além da negação e reinvenção da moléstia sob a nominata de “tanatomorbia” para fins políticos e a pretexto da ordem econômica.

Semelhanças também demarcadas no “colapso a ocupação das casas de saúde”, dos cemitérios e recursos terapêuticos. Outras pareças decorrem da impactação das patologias repercutindo sobre as eleições presidenciais, denúncias de corrupção para a criação de hospitais de campanha e assistência social. As correlações entre os aumentos e reduções de ocorrências dos casos das enfermidades são inegáveis, porque a “bailarina” avassalou “o mundo em três ondas” e o Brasil atualmente estaria no terceiro afluxo de corona vírus em distintas cepas.⁹ Contudo, o surto da espanhola após a tríade de afluxos ocorridos de 1918 a 1920 diminuiu, “até não se ouvir mais falar dele”, mas, nos casos de Corona vírus inexistente este horizonte. Analisando essas dimensões Schwarcz e Starling conjecturam ser toda doença uma contadora de sua história e de um evento social, pois:

No começo, a peste é quase sempre recepcionada com grandes doses de “negação”. Encarar a verdade incontornável da nossa precariedade nem sempre é fácil – e é isso que a epidemia nos coloca diante dos olhos. As pessoas de início procuram obstinadamente não ver para escapar ao enfrentamento da onda ascendente do perigo. É um modo de tranquilizarem a si próprias. O medo legítimo da peste leva a sociedade a enganar a si mesma para retardar o máximo possível o momento em que a doença terá de ser confrontada. Por isso, e à sua maneira, se toda epidemia é um fato (muito) concreto, ela também leva a construções intelectuais, na busca de aceitar um

⁹ Conforme se vinculava na mídia no último dia de março do ano em curso. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2021/03/31/medico-da-saude-do-rj-diz-que-terceira-onda-da-covid-tem-80percent-da-nova-variante.ghtml>. Acesso em: 14 de abr. de 2021.



TROPOS: COMUNICAÇÃO, SOCIEDADE E CULTURA

ISSN 2358-212X

“estado de anomia” que destoa da agradável normalidade de um corpo são. Quando a sociedade concorda em enxergar a enfermidade, significa que está ciente de uma situação amedrontadora. É chegada a hora, então, de enfrentar aquilo que a atemoriza, evitando ou resistindo (SCHWARCZ & STARLING, 2020, p. 37).

Isto posto, nos faz pensar se a propositura da CPI é baliza indicativa de que outras “construções intelectuais” estariam se configurando a fim de estruturar confrontação e resistência aos desequilíbrios governativos. Ou ainda estamos padecendo de bailados com a morte sob novas roupagens? A leitura em comento nos proporciona refletir acerca de nosso lugar de fala ao transpor o mero deleite literário, se constituindo indispensável a fim de nos questionarmos acerca das causas de difusão, formas de enfrentamento e (descom)posturas estatais durante as crises sanitárias no Brasil.

Recebido em 18 de abril de 2021.

Aprovado em 31 de maio de 2021.